



Os senhores, sentindo ameaçado o seu domínio, apelavam para Cédulas de salvação! Perdida a fé, também o domínio da cidade e ga, perderam porém a tradição cristã. Mas para muitos o domingo de páscoa não é mais que um dia morto. Aquele que está vivo no mundo, mas que não se ressuscitou, não se destruiu por ter acreditado no velho mundo que a si mesmo se destruiu. A páscoa relembrando os fatos da páscoa, o seu pleno significado. E a festa da páscoa, tornam-se as...

ABEL VARZIN

«Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo?»
 A Boa-nova, trazida pelo Anjo na manhã da Ressurreição, repete-a, ininterruptamente a cristandade, há dois mil anos já.
 A seu lado, outra voz se levantou, porém, com altivez e orgulho, em tom de desafio: porque procurais entre os vivos aquele que está morto? Morto, ou vivo?
 A História humana, nestes dois milênios e o expressivo reflexo de cada qual a pungente interrogação.
 Quem responde pela vida assume uma atitude. Quem responde pela morte é conduzido fatalmente a outra.
 Quando Cristo morreu e ressuscitou, o mundo dividia-se entre senhores, plebeus e escravos. Os prêmios, possuidores do ouro, das regalias, ou de qualquer posição social ou política, gozavam de todos os privilégios e dispunham de todos os bens.
 Os escravos, muito mais numerosos, nada tinham de seu. Todo o trabalho lhes estava reservado, mesmo aquele que em poucos dias confundimos à máquina e aos animais de carga. Os filósofos não os tinham como homens. E o humano e conspícuo Aristóteles recusava-lhes até o direito à felicidade.
 Intermediários entre senhores e escravos, a sociedade romana mantinha os plebeus, apelidados pela linguagem jurídica de então como os «humildes», os «pequenos». Não podiam encontrar trabalho onde ganhar honestamente a vida — pois todo ele era reservado aos escravos — dependiam da benevolência de Cesar ou do favor dos particulares. Para eles se reclamavam divertimentos e pão: «panem et circenses».
 Escravos e plebeus eram objecto de desprezo e de escárnio. Cícero chamava-lhes «detritos da cidade». Plínio, os «desesperados»
 De facto, para eles não havia esperança. As revoltas do seu desespero...

«Quando um escravo era condenado à morte, escreve um antigo historiador, quer pelo juiz, quer pelo seu senhor, o seu suplício era a crucificação. O condenado era levado fora da cidade, a um lugar de antemão escolhido para a execução pública dos escravos. No meio de injúrias e escárneos da população, consolado talvez por algum olhar de piedade, o escravo marchava para esse local, ensanguentado, caminhando através das ruas, debaixo do chicote dos carcerascos, e conduzindo aos ombros o amaldiçoado madeiro do suplício.
 «Por isso os suicídios eram frequentes na classe servil... O mais banal efeito do desespero era o pouco caso que faziam da sua vida muitos escravos e a resignada indiferença com que suportavam os sofrimentos físicos. Conta-se que um escravo, acusado de assassinato que não cometera, nem sequer procurou defender-se. Declarou-se culpado e sofreu a pena de morte na cruz. O homem que se julgava assassinado, apareceu pouco tempo depois» (Valério Máximo, VIII).
 A única filosofia que lhes era ensinada, e a melhor de todas, era a de Séneca, a filosofia do suicídio: «Em qualquer local para onde dirijais o olhar, podereis encontrar o fim dos vossos sofrimentos. Eis um precipício: podeis descer por ele até à liberdade. Eis o mar, um rio, um poço: a liberdade a encontrareis lá no fundo. Eis agora uma árvore, pequena, torcida, estéril: a liberdade pendê dos seus bracos. Eis o vosso coração, o vosso pescoço: trespassai-os e encontrareis a liberdade. Mas se vos parecem estas palavras demasiado cruéis e exigentes para a vossa coragem, procurai um caminho mais doce: cada veia do vosso corpo pode abrir-vos o caminho da liberdade» (Séneca ad Martionem, 20).
 Por terras da Palestina um Profeta tomava, no entanto, a defesa dos escravos, dos «humildes», dos «pequenos». Os homens do povo pendiam

absortos das suas palavras, porque ninguém jalara ainda como Ele. Fazendo-se pobre e humilde, dignificava os pobres, exaltava os humildes, ringava, com a sua enérgica eloquência, os sofrimentos dessa imensa multidão dos escravos. E autorizava a sua estranha e aliciente doutrina proclamando-se o Filho de Deus.
 A inveja dos grandes, o temor dos fortes não pôde mais. Prenderam-no, condeharam-no à morte, precisamente à morte destinada aos escravos. Afojava-se, mais uma vez, em sangue e em tormentos a derradeira esperança dos escravos!
 Mas, ao terceiro dia, corre veloz pela cidade, a nova extraordinária: ressuscitou!
 A volta dos seus discípulos, vão-se agrupando os crentes na ressurreição Libertador. Muitos o vitam, comemoram com Ele, e o acompanharam. Paulo persegue-os, mas, na estrada de Damasco, ouve a voz do ressuscitado, e junta a sua indomável eloquência à propaganda dos cristãos. A nova doutrina arrasta os humildes, porque lhes ensina não haver mais distinção de raças, nem de sangue, nem de classe. Antigos escravos, condenados aos trabalhos das minas, são elevados às primeiras categorias, como Calisto, que os cristãos nomearam Papa. Um fremito de alegria e de entusiasmo percorria-lhes a alma, quando cantavam, juntamente com os senhores tornados também cristãos, o cântico da libertação: atodos nobres da mesma nobreza, escravos da mesma servidão, livres da mesma liberdade!